

Mas que elas **existem, existem**

HÁ QUEM ache bobagem, no entanto as superstições são parte inerente do homem e, ao contrário do que se pensa, não são frutos de falta de informação

TAÍSE MOREIRA E FABIANO OLIVEIRA

Quem nunca viu uma pessoa sair de casa para assistir a uma partida de futebol vestindo a famosa “camisa da sorte”, que muitas vezes nem é lavada e se não for usada faz com que o time perca? Ou, então, quem não passe de jeito nenhum debaixo de uma escada com medo de que isso estrague o seu dia? São comportamentos praticados por todos, mas, parando para pensar, são bem peculiares. As conhecidas superstições são práticas realizadas para trazer sorte ou evitar o azar e fazem parte do ser humano, nem que seja só um pouco.

Segundo a psicóloga francesa e professora Monique Augras, todas as pessoas são supersticiosas, mesmo fazendo apenas uma ação mínima no dia. Nesse cenário, o Brasil não é um país com mais superstições do que outros: “Também tem muito dessas representações, por ser um povo tropical e colonial. Isso vem como herança do índio e do negro, que são primitivos, e do português que não é grande coisa”.

Falta de informação?

Pesquisas na Inglaterra indicam que o nível de desenvolvimento não abala o pensamento mágico. Os ingleses, por exemplo, um dos maiores IDHs do mundo, são bastante supersticiosos, de acordo com uma pesquisa da Universidade de Hertfordshire. Segundo o estudo, que ouviu mais de duas mil pessoas, a maioria mostrou ter algum tipo de ação para dar sorte ou evitar ter azar. A mais comum é bater na madeira, mas algumas

pessoas afirmaram não abrir guarda-chuvas em locais fechados, nem colocar sapatos novos sobre a mesa.

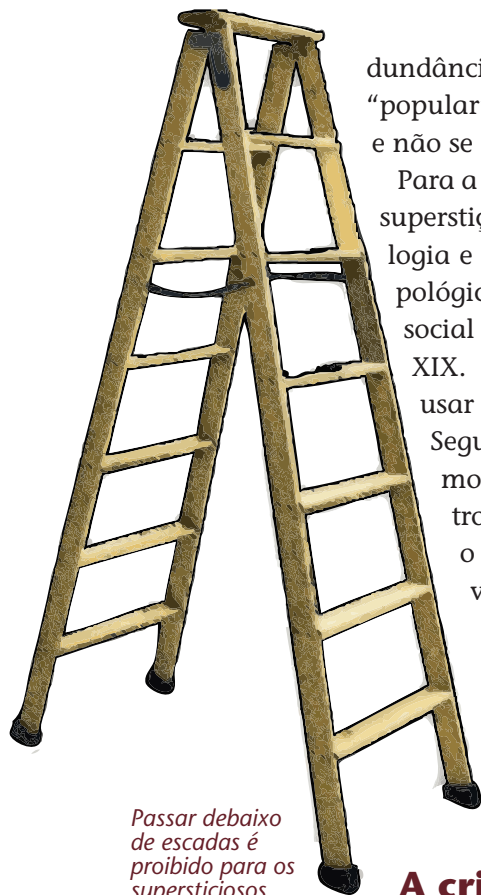
Personalidades também têm seus momentos de superstição. O ex-candidato à presidência dos Estados Unidos John McCain, por exemplo, sempre andava com sua caneta da sorte durante a campanha presidencial e carregava 31 centavos (13 ao contrário) no bolso, segundo o jornal *on-line* Psychological Science, McCain até renomeou o andar onde ficava o escritório de campanha, que era o número 13. Agora é o andar M.

A especialista Monique Augras confirma que superstição não tem nenhuma relação com falta de informação: “Todo mundo tem seus rituais, todo mundo tem seus medos, seus desejos. Não tem nada a ver com a objetividade do conhecimento”.

Um exemplo disso é o do cientista dinamarquês Niels Bohr. O ganhador do Prêmio Nobel de física tinha uma ferradura pregada acima da porta de sua casa. Por isso, a psicóloga afirma que a expressão “superstição popular” é uma re-



Figa para atrair boas energias



Passar debaixo de escadas é proibido para os supersticiosos

dundância, já que nesse caso “popular” significa “de todos” e não se refere à pobreza.

Para a professora, a palavra superstição reflete uma ideologia e o pensamento antropológico do evolucionismo social do início do Século XIX. Por isso, ela prefere usar a palavra “magia”. Segundo o evolucionismo social, teoria da antropologia que defende o conceito de desenvolvimento entre as sociedades, as práticas mágicas são características de civilizações primitivas e, portanto, mais atrasadas.

A criação de modelos explicativos

O processo de cognição tentou explicar a superstição, que antes era vista apenas como magia. Um dos modelos criados no início do século XX foi o do behaviorismo. Um famoso precursor dos primeiros trabalhos behavioristas, ou comportamentais, foi Ivan Pavlov e sua teoria de condicionamento reflexo analisada a partir de experiências com cães.

Em 1948, o psicólogo norte-americano Burrhus Frederic Skinner afirmava que a superstição é algo muito comum não só entre os humanos. Ele disse que, se um pombo for posto numa caixa onde tenha comida em intervalos regulares, o animal vai ter algum tipo de comportamento repetitivo, seja rodar em círculos, ou balançar a cabeça de maneira rítmica. Para Skinner, o comportamento é supersticioso, pois o animal faz uma associação entre a ação e a consequência. Esse modo de agir é similar ao dos jogadores de futebol antes de uma partida, ou de um candidato antes da eleição. Eles fazem qualquer coisa que possa garantir um resultado positivo.

O behaviorismo acredita na aprendizagem

por associação e a superstição se encaixa perfeitamente nesta teoria, pois justamente tenta associar uma causa a uma consequência. Na realidade, não há provas empíricas dessa relação, mas, segundo a psicóloga Zena Eisenberg, o cérebro procura essa associação positiva: “A força da superstição vem daí porque nossa memória trabalha para a auto satisfação, então vou sempre lembrar os resultados positivos e só dar valor a isso. Quando o resultado é negativo a pessoa tenta achar outra explicação para ele. É a ideia do ‘vai que dá certo’. Fico sempre na esperança do reforço e por isso pessoas se apegam às práticas supersticiosas”.

Esse apego mostra, como explica o psicólogo americano Stuart A. Vyse, que existe certa qualidade de aposta no comportamento supersticioso, em que as pessoas preferem a possibilidade de ganhar algo à certeza de perder. O pensamento poderia ser explicado pela famosa aposta do filósofo e matemático francês Blaise Pascal: “Mesmo que você não acredite na existência de Deus ou céu ou inferno, você se sai melhor se comportando como se eles existissem, pois você se arrisca a perder em um caso mais do que você se arrisca a se beneficiar no outro”. Ou como aquele ditado: “Não acredito em bruxas, mas que elas existem, existem”.

Outra teoria existente que ajuda a explicar as superstições é a teoria dos modelos mentais descrita pelo psicólogo americano Philip Johnson-Laird. A explicação é que o ser humano cria modelos mentais do mundo através de experiência, conhecimento e cultura. O modelo serve então como base para comportamentos futuros, mas não é completamente fiel à realidade. Assim, eles ajudam a explicar e entender situações do mundo e se relacionam com a superstição na medida em que utilizam relações de causa e efeito para chegar a conclusões muitas vezes equivocadas.

Por que acreditar?

Para dizer o que leva uma pessoa a ser supersticiosa, Monique faz uma referência ao pai da psicanálise, Sigmund Freud: “A grande percepção de Freud foi relacionar que aquilo que a gente quer e aquilo que a gente teme é a mesma coisa”.

Ela reconhece que isso não parece ter sentido e

afirma que o ser humano é irracional, ao contrário do que pensa o senso comum: “Quantas vezes a gente faz um negócio que racionalmente a gente sabe que está fazendo uma besteira, mas faz?”, questiona Monique.

Ela usa o exemplo da passar embaixo de uma escada para explicar esse comportamento mágico. De um lado, existe o pensamento racional. “Claro, se tem uma obra lá em cima pode cair, na melhor das hipóteses, uma tinta em você”, constata. Mas há a percepção inconsciente de que a escada é como se fosse uma porta: “Toda passagem é algo muito perigoso, porque você não sabe o que vai ter do outro lado.”

O início da arte, que se deu com as figuras rupestres – as mais antigas datando de 40 mil a.C. –, já mostra o caráter supersticioso e mágico dos antepassados do ser humano. No geral, são representações de desejos, como caçar um animal. Esses desenhos mostram a vontade que o humano sempre teve de controlar o incontrolável, através de ações mágicas.

“É uma maneira de controlar, de manipular o mundo. Você não tem controle sobre você, nem sobre nada, mas é como se tivesse”, afirma Monique.

Tudo se aprende

A professora Monique Augras lembra que, por ser um comportamento aprendido e passado de geração em geração, as pessoas tendem a naturalizar algumas práticas e esquecem seus objetivos iniciais. Para o estudante espanhol Juan Trastoy, a maioria das celebrações são superstições que as pessoas esqueceram que eram. Ele usa o exemplo das celebrações do dia 24 de junho na Galícia, região da Espanha: “Nós pulamos fogueiras à noite e, na manhã seguinte, lavamos o rosto com água que passou a madrugada em ervas. Na teoria, isso é feito para espantar bruxas, mas hoje as pessoas fazem apenas para seguir a tradição”.

Até a maneira de dar à luz, que parece algo sempre natural, é construída pela sociedade. Seja na escolha do local do parto ou até em que posição a futura mãe vai ter seu filho: “Nada do nosso biológico existe puramente, é sempre interpretado pela sociedade”, atenta Monique.

Por envolver incertezas, a gravidez gera inúmeras

crenças em diferentes povos. Os filipinos acreditam que o parto é doloroso porque existe um espírito maligno por perto. No Brasil, há algumas superstições para tentar descobrir qual será o sexo do bebê: se o ventre for pontudo e saliente, será um menino. Mas se for arredondado e crescer para os lados é sinal de que vem uma menina.

Fé na superstição

Pelo menos no início, religião e magia andaram juntas. De acordo com Stuart A. Vyse em seu livro *Believing in Magic: The psychology of superstition*, sem tradução para o português, o xamã é, ao mesmo tempo, líder espiritual e a pessoa que traz a chuva. O livro cita a *Bíblia* ao contar a história do profeta Aarão, que transformou seu cajado em uma serpente.

Para a professora, a superstição está na maneira que os brasileiros se relacionam com os santos. O ato de puramente pedir uma coisa e fazer outra em troca para o santo não constituiria uma relação de fé. Ela lembra uma entrevista que o jogador de futebol Gonçalves deu antes de uma partida. O zagueiro disse que tinha fé em uma medalha, presente de sua mãe, mesmo sem saber qual era o santo que estava nela: “Isso não é fé, é superstição, é pensamento mágico”, afirma.

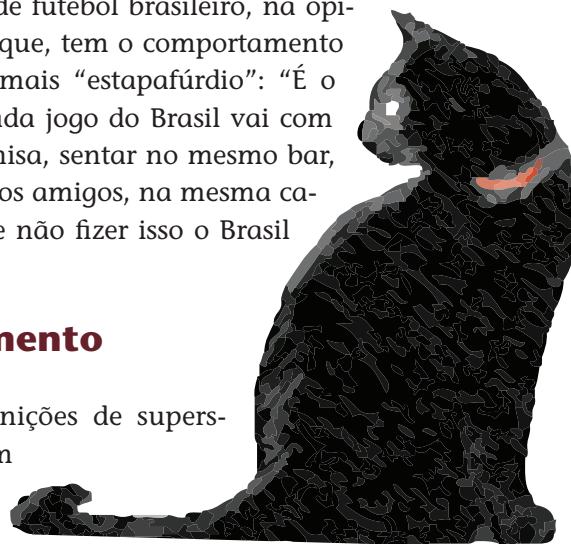
O torcedor de futebol brasileiro, na opinião de Monique, tem o comportamento supersticioso mais “estapafúrdio”: “É o cara que a cada jogo do Brasil vai com a mesma camisa, sentar no mesmo bar, com os mesmos amigos, na mesma cadeira e que se não fizer isso o Brasil vai perder”.

O pensamento racional

Muitas definições de superstição já foram elaboradas. Entre elas, uma de 1956 em que o psi-

“Não sei explicar porque, não é algo racional. Acho que cresci ouvindo isso e habituei”

Patrícia Carvalho



Gato preto desperta o medo do azar em gerações de supersticiosos



Trevo de quatro folhas é tradicionalmente sinônimo de boa sorte.

quiatra Judd Marmor diz que “superstições são crenças ou práticas infundadas em si mesmas e inconsistentes com o grau de iluminação (racionalidade) atingido pela comunidade a qual se pertence.” Segundo a psicóloga Zena, uma maneira mais simples de explicar a superstição é como a crença de que algo que você faça vai ter efeito desejado: “Nós, como seres humanos racionais, procuramos explicação para tudo e quando não achamos, inventamos uma. Precisamos achar causalidade nas coisas. Buscamos respostas nas coisas mais malucas porque queremos acreditar que temos controle sobre aquilo de alguma forma”, conta.

Existem, no entanto, duas classificações importantes de superstição: as que são cultural, hereditariamente aprendidas, e as pessoais. O primeiro caso conta com todas aquelas ideias populares bem conhecidas de azar e sorte relacionados a certos elementos. “Eu acredito em várias superstições, a do espelho, da escada, do chinelo virado, mas não sei explicar porque, não é algo racional. Acho que cresci ouvindo isso e habituei”, diz a estudante de Direito da PUC-Rio Patrícia Carvalho. Já o segundo tipo é algo que criamos para nós mesmos segundo a observação e a tentativa de relacionar causas e efeitos.

No entanto, o ser humano tem a capacidade de racionalizar e agir de outra maneira. É o que mostra o estudo de dois pesquisadores, Keith Stanovich e Richard West. Há um processo intuitivo de resposta e associação de eventos que tende às superstições. Além deste, há outro, mais devagar, utilizando a razão em que analisamos criticamente os fatos e as consequências, conseguindo dissociar os acontecimentos da “magia”.

“Existe um movimento da humanidade em direção ao racionalismo, pois quanto mais a gente estuda, supostamente, menos a gente acredita. Isso porque vemos que as causas têm consequências quando tem e não quando achamos que deveriam ter ou quando paramos

para prestar atenção. As pessoas mais educadas e cientes de que superstição é uma crença e não um fato, conseguem lutar contra ela. Porém esse é um tipo de educação específica, da pessoa voltada para a ciência e para o método científico”, explica Zena.

O estudante de doutorado em física, Juan Trastoy, pensa que mesmo assim essa refutação não é automática: “Eu, particularmente, não acredito em superstições, pois sou uma pessoa prática e lógica. Mesmo que às vezes eu sinta o impulso de pensar ‘e se’ ou ‘por via das dúvidas’ eu tento evitar isso”.

O lado negativo e positivo da crença

As superstições também podem ter caráter negativo. Quando passam de comportamento de pouca consequência para algo que tome conta da vida dessa pessoa, limitando ou condicionando seu comportamento de forma extrema vira um problema. Segundo Monique Augras, a relação acontece inversamente: a pessoa já doente (neurose obsessiva compulsiva) desenvolve mecanismos e rituais para se defender, agindo patologicamente daquela mesma maneira.

Para ela, o normal do homem seria a liberdade de agir e responder a estímulos de diversas maneiras diferentes: “Eu não conheço ninguém hoje que tenha uma superstição que o impeça de fazer algo. A ideia que existe de que a superstição é um comportamento patológico, que devemos à Freud – neurose sendo superstição –, é muito reducionista, é um empobrecimento. Claro que você pode ter reações patológicas, esse é o normal, mas apenas uma vez. Se a pessoa tem esse comportamento repetitivo obrigatório que limita sua liberdade de ação, tudo bem, mas aí não é o conteúdo da superstição, é o uso que você faz dela”.

Por outro lado, um estudo feito por três pesquisadores alemães publicado no jornal *on-line Psychological Science* mostra como, muitas vezes,

a superstição pode dar confiança, diminuir a ansiedade que as incertezas trazem e, assim, levar a uma performance melhor. É o caso em testes e esportes. É incontável o número de atletas que utilizam superstições, como Michael Jordan, que utilizava o calção da universidade por baixo do uniforme da NBA para dar sorte e Tiger Woods, que usa apenas camisas vermelhas nos domingos em que tem torneio, porque sua mãe acreditava que era uma cor que dava sorte para ele.

Muitas vezes as superstições são usadas também como forma de se sentir bem. Segundo a pesquisa alemã, o pensamento positivo reduziria o estresse, contribuindo para o bem-estar pessoal. Então pode acreditar e quem sabe aquele jeito meio Poliana de ser (quem é Poliana?) não funcione de verdade? **POP!**

Famosos também têm suas manias



Lady Gaga - pelo menos uma vez por semana a cantora precisa dormir longe do namorado. Ela acha que sua criatividade pode ficar abalada se dividir a cama com ele todos os dias.

Roberto Carlos - ele é o Rei das superstições. Ele não usa preto nem marrom e só faz shows vestindo branco ou azul. Além disso, o cantor evita tudo que tenha o número 13: não entra em carros que tenham 13 na placa e não senta na poltrona 13 do avião.



Felipe Massa - o piloto gosta de usar a mesma cueca em todas as corridas. Assim, ele usa a mesma peça íntima tanto no sábado, treino de classificação, quanto no domingo, dia do GP.



Dan Stulbach - durante uma época, o ator tinha a superstição de pegar pregos amassados e colocar no bolso sempre que saía do cenário.